

O APORTE DE UM CLÁSSICO NO DEBATE SOBRE TELEVISÃO E TECNOLOGIA

THE CONTRIBUTION OF A CLASSIC IN THE DEBATE ABOUT TELEVISION AND TECHNOLOGY

Ana Luiza Coiro Moraes¹

Resenha de: WILLIAMS, Raymond. *Televisión: tecnología y forma cultural*. Buenos Aires: Paidós, 2011.

O editor da primeira tradução para o espanhol de *Television: Technology and Cultural Form*, de Raymond Williams, justifica a publicação deste livro cuja edição original remonta a 1974 argumentando que se trata de obra seminal e necessária para a compreensão do fenômeno televisão. Entretanto, ele ressalta que Williams mais do que cunhar um estudo clássico sobre a televisão empreende uma verdadeira “profecia sociológica e científica”, pois ao inaugurar a reflexão sobre uma então nova tecnologia e sua inserção na cultura cotidiana, este livro resulta pertinente no momento atual, em que se instaura a era digital que, para além dos dispositivos tecnológicos, se institui como uma poderosa forma cultural.

Já Roger Silverstone, no prefácio de 2005 para a editora Routledge que a edição argentina de 2001 reproduz, salienta o conceito de privatização móvel e a análise do fluxo televisivo empreendida no quarto capítulo desta obra. Para Williams, sob a égide do capitalismo, a televisão faz parte de um aparato tecnológico que a partir das estradas de ferro e da iluminação pública, passando pelos jornais e pelo rádio, se encontra a serviço de um modo de vida que supõe mobilidade, mas, ao mesmo tempo, está centrado no âmbito do privado, no interior dos lares. Trata-se do “lar privatizado”, ao qual Williams já havia feito referência em *Marxismo e Literatura* (1979), e de um processo de “privatização móvel”, em que a casa passa a ser o lugar para onde convergem os meios tecnológicos, que ali atuam como aparelhos (eletro)domésticos.

A análise de fluxo aplicada à televisão distingue a natureza sequencial e interrompida da programação, o que implica um andamento que se caracteriza pela sucessão de

1 Professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal da Bahia. anacoiro@gmail.com. Santa Maria, BRASIL

fragmentos oriundos de variadas formas – do factual ao ficcional – que antes eram experiências isoladas (como ler um livro, assistir a um espetáculo teatral ou esportivo), e que na televisão assumem um caráter de fluxo planejado. Esse fluxo inclui também os movimentos que os telespectadores fazem quando escolhem, por exemplo, trocar de canal e, na visão de Williams, é justamente a inserção de uma corrente de programas, intervalos comerciais e anúncios no cotidiano dos sujeitos (no interior de seus lares) que caracteriza os sistemas de teledifusão simultaneamente como tecnologia e como forma cultural.

No primeiro capítulo, Williams enfatiza a necessidade de fugir de tendências analíticas fundadas no senso comum, cujas investigações deixam escapar específicos processos de significação, para se deter em comentários sobre o “novo mundo”, a “nova sociedade” ou a “nova fase (ou o fim) da história” que uma “nova tecnologia” enseja.

Posicionado metodologicamente no materialismo cultural¹, Williams estabelece uma relação dialética entre tecnologia e sociedade, complexificando as noções de causa e de efeito. Mantendo a premissa fundante de que “a televisão foi inventada como resultado de investigação científica e tecnológica”, ele confere alcance epistemológico à ideia de que “a televisão alterou o mundo em que vivemos”, implícita nas diversas afirmações que atestam o seu poder como meio de comunicação social, elencadas nas páginas 23 e 24 da edição em espanhol. Exemplo disso é a ideia subjacente a muitas análises de telejornalismo, que vêem a televisão como o meio de transmissão de notícias que alterou e reduziu a importância de todos os outros meios de difusão anteriores a ela.

Williams relativiza tais afirmações ao contar a história social da televisão em sua condição de tecnologia, antes disso esclarecendo o seu envolvimento como pesquisador deste meio. Entre 1968 e 1972, seus primeiros estudos sobre televisão foram veiculados numa coluna mensal em *The Listener*, uma revista semanal publicada pela BBC. Depois, como professor visitante do Departamento de Comunicação da Universidade de Stanford, agregou aos estudos sobre a televisão estatal britânica a observação do modelo comercial norte-americano, o que levou à codificação das formas veiculadas na televisão apresentadas no terceiro capítulo do livro: a notícia (sua sequência, priori-

dades, apresentação e visualização); o debate público (onde a televisão se insere de maneira mais plena e intensa do qualquer outro meio); a educação; as obras dramáticas; os filmes; o teatro de variedades; os esportes; a publicidade; os passatempos; e, dentre o que Williams chamou de formas mistas e formas novas, o documental dramático, para o qual é arrolada como exemplo a série norte-americana *An American family*, de 1973, que apresentava a vida real de uma família, em variadas situações. Como nos atuais *reality shows*, as possibilidades técnicas utilizadas no documental dramático têm a função de capturar a atmosfera interna, localizar o conflito interpessoal, opera um *close-up* sobre sentimentos privados.

De toda a sorte, para Williams, a própria técnica de edição utilizada na televisão pode ser decisiva para que mesmo no campo factual a anunciada neutralidade seja nada além de uma aspiração.

Contudo, Williams contesta a tese do determinismo tecnológico, segundo a qual as condições para o progresso humano e as mudanças sociais são dadas pelas “novas tecnologias” de cada época; embora reconheça no mundo tecnológico que descreve ao final de seu livro — os então embrionários sistemas de transmissão por cabo e satélite, os *home* vídeos e outros dispositivos de gravação que remetem aos contemporâneos aparatos interativos a serviço tanto do complexo midiático quanto do consumo privado — as ferramentas que poderiam tornar possível uma “longa revolução²” rumo à recuperação da comunicação efetiva nas complexas sociedades urbanas e industriais.

Ou, ao contrário, diz Williams, tais aparatos tecnológicos podem se constituir nas ferramentas do que poderia vir a ser a longa e frustrante contra-revolução, na qual, ainda que se fale em escolhas e competências interativas à disposição dos telespectadores, o que se tenha seja a televisão inserida em conglomerados de comunicação sob o domínio de algumas corporações transnacionais. E essas corporações, alerta Williams (2011, p. 194), podem chegar “ainda mais longe em sua intromissão em nossas vidas, em todos os níveis, desde as notícias até o psicodrama, até que a resposta individual e coletiva a diversos tipos de experiências e problemas chegue a estar limitada quase por completo à escolha entre as suas possibilidades programadas”³.

Por fim, justamente por considerar a televisão inserida em um conjunto de práticas culturais específicas, que abarcam produtores, telespectadores e outros agentes e instituições sociais, é que Williams convoca todos a atuar. Trata-se de, a partir da informação, da análise e da discussão, para as quais seu livro oferece uma grande contribuição, tomar decisões sobre a rota a tomar e interceder, no sentido de apropriar-se deste meio (ou de qualquer outro que se constitua na “nova tecnologia” do momento) e transformá-lo em veículo de expressão individual e política.

NOTAS

- 1 O *materialismo cultural* de Williams reivindica a ação humana sobrepondo-se à ideologia e a forças determinantes. A centralidade é na cultura, pensada como força produtiva a partir do foco no que é efetivamente vivido pelos sujeitos, estes sim, a partir de suas ações, gerando as determinações no interior das condições e especificidades de classe. Já a construção conceitual do materialismo cultural, em clara analogia ao materialismo histórico de Marx, se insere no processo de amadurecimento das reflexões de cunho marxista que fundamentaram todo o pensamento reunido sob o manto dos estudos culturais. Para situar o materialismo cultural como método herdeiro da dialética, ver COIRO MORAES, Ana Luiza. Epistemologia dos Estudos Culturais: Da dialética ao materialismo cultural. In: **XX Encontro Anual da COMPÓS** - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2011, Porto Alegre. Anais nº 20, 2011. v. 1. p. 1-15.
- 2 A referência é ao livro de Williams, *The long revolution* publicado em Londres, pela Chatto & Windus, em 1961, que considera as transformações da cultura na contemporaneidade como uma autêntica "revolução" que se instaurou durante um longo período histórico.
- 3 Tradução nossa.

Artigo recebido: 31 de maio de 2012

Artigo aceito: 22 de junho de 2012